

Leitura literária no ensino fundamental: uma experiência a partir do gênero conto

Literary reading in elementary school: an experience from the genre story

Antônio Loureiro da Silva Neto¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Francisco Afrânio Câmara-Pereira²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: Este artigo é o relato de uma experiência de ensino de literatura com base no gênero conto que foi realizada no âmbito do Ensino Fundamental. O objetivo geral foi o interesse em promover práticas de leitura literária visando estimular o gosto pela literatura e pela leitura. Para isso, abordamos aspectos sobre a leitura, sua importância, o valor e características do conto literário, bem como o poder que tem a literatura no conjunto das artes produzidas e apreciadas pela humanidade. Apresentamos algumas ações que empreendemos durante a execução de um projeto de Dissertação de Mestrado desenvolvido por nós, em 2015, versando sobre a necessidade de ampliar o letramento literário dos alunos de ensino fundamental. A base teórica inclui Candido, Todorov, Cortázar, Cosson, Praxedes, Paulino e outros. A parte prática foi executada na E.E. Juscelino Kubitschek, em Assu-RN. Nessa parte da pesquisa, detalhamos situações vivenciadas em sala de aula e analisamos criticamente as potencialidades, limitações e especificidades do ensino de literatura e leitura nesse contexto. Compreendemos, ao final, que não é tão simples motivar adolescentes para a leitura literária. Além disso, o grau de dificuldade que eles têm na hora de decifrar as palavras e compreender o que estão lendo, compromete a qualidade de suas leituras. Não obstante, os resultados apontaram que existe uma boa recepção para quem se interessa por ensinar leitura e literatura, contanto que isso seja feito de uma forma muito cuidadosa, planejada, paciente e até no bom humor.

Palavras-chave: Ensino Fundamental; Leitura; Literatura; Conto Literário.

Abstract: This article is the report of an experience of literature teaching based on the genre story that was carried out in the scope of Elementary School. The general objective was the interest in promoting literary reading practices aiming to stimulate the taste for literature and reading. In order to do so, we will focus on aspects of reading, its importance, the value and characteristics of the literary tale, as well as the power that literature has in all arts produced and appreciated by humanity. We present some actions that we undertook during the execution of a Master Thesis project developed by us in 2015 dealing with the need to extend the literary literacy of elementary school students. The theoretical basis includes Candido, Todorov, Cortázar, Cosson, Praxedes, Paulino and others. The practical part was performed in E.E. Juscelino Kubitschek, in Assu-RN. In this part of the research we detail situations experienced in

¹ Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: antoniodasletras@gmail.com.

² Professor Adjunto IV da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: afraniodr@yahoo.com.br.

the classroom and critically analyze the potentialities, limitations and specificities of literature and reading teaching in this context. We understand, in the end, that it is not so simple to motivate adolescents to read literary. Also, the degree of difficulty they have in deciphering words and understanding what they are reading compromises the quality of their reading. Nevertheless, the results pointed out that there is a good reception for those who are interested in teaching reading and literature, as long as this is done in a very careful, planned, patient and even in a good mood.

Keywords: Elementary Education; Reading; Literature; Literary Tale.

Considerações iniciais

Segundo Vargas Llosa (apud PANSA, 2012, p. 9), “um público comprometido com a leitura é crítico, rebelde, inquieto, pouco manipulável e não crê em lemas que alguns fazem passar por ideias”.

É por motivos como esses que defendemos a ideia do incentivo à leitura, pois sabemos que é por meio de muitas leituras (de obras literárias ou não), que um estudante tem maior chance de se deparar com vários tipos de textos considerados de boa qualidade nos quais se percebe uma grande variedade de conteúdos e temas. O resultado desse confronto com as palavras poderá ser proveitoso já que na literatura podemos encontrar aspectos relevantes da existência humana dando-nos a ocasião de refletirmos sobre eles. Entretanto, nessa arte da palavra, nem tudo nos convém porque o que nela vem expresso é tão impregnado de humano a ponto de também conter as mesmas falhas do que é estritamente próprio de nossa condição. Mesmo assim, esse tipo de arte sobrevive apesar de despido, às vezes, de sua aura majestática. De qualquer forma, o texto literário tem proporcionado a muitos a chance de refletir sobre o que mais possa fazê-los conscientes de suas liberdades e limites. Nesse sentido, não diríamos que a literatura é uma tábua de salvação para ninguém, mas a sua ausência, possivelmente, deixaria o mundo mais triste.

A LDB 9394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - em seu artigo 32, inciso I, ao tratar dos objetivos do Ensino Fundamental, afirma que a formação básica do cidadão deve ocorrer mediante o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos “o pleno domínio da leitura, da escrita e do

cálculo”. É fácil, porém, perceber que esse “pleno domínio da leitura” ainda não se fez realidade em todas as escolas e isso, em parte, pode “explicar” o fracasso de tantos candidatos em exames oficiais quanto à produção escrita de textos.

Nesse ambiente social, o incentivo à leitura (literária, principalmente) se torna muito importante, porque, uma vez desenvolvido o gosto por ela, o aluno ou o indivíduo adulto, começará a sentir o desejo de continuar aprendendo, já que as novidades do conhecimento e o prazer obtido durante o contato com o texto vão lhe instigando a descobrir sempre mais. Assim, possivelmente, os aprendizes passarão a ter interesse pelos conteúdos de uma aula e saberão valorizar mais o esforço de um professor, e da escola mesma.

Em face do exposto, neste artigo, queremos tratar do incentivo à leitura literária tendo como base uma experiência de leitura desenvolvida por nós enquanto aluno do PROFLETRAS e defendida em nossa dissertação de mestrado em 2015. Tal experiência deu-se em uma sala de aula da Escola Estadual Juscelino Kubitscheck, em Assu-RN, espaço onde nossos esforços foram exigidos e nossas ações, “testadas”. Com esse esforço pedagógico quisemos promover, no ensino fundamental, práticas de leitura literária a partir do gênero conto visando estimular o gosto pela literatura e pela leitura.

Adotamos em nosso referencial teórico autores como Praxedes (2010); Cosson (2006); Compagnon (2009); Cortázar (2006) e outros.

Foi a partir da leitura desses autores, e de maneira especial dos dois primeiros, que foi possível montar uma sequência didática básica para a qual demos o nome de “Experiência de Leitura” concretizada em sala de aula com a leitura do conto ‘O homem nu’, de Fernando Sabino, abrangendo um total de 20 alunos, em novembro de 2014.

Os resultados comprovam quanto esse tipo de intervenção é necessária e vantajosa para o ensino de leitura literária e quanto estamos ainda distantes de transformarmos esse tipo de prática em uma ação simples e cotidiana.

Esperamos que o relato dessa experiência possa contribuir para despertar em algum professor ou pesquisador um sincero interesse pela matéria em foco gerando maior empenho em favor do incentivo à leitura e da formação de leitores. Temos a esperança de que a continuidade desse tipo de ação envolvendo a literatura possa

contribuir mais efetivamente para elevar os níveis de interesse dos alunos por esse tipo de texto.

O gênero conto literário como estratégia de ensino

Em nosso dia a dia, podemos admitir que o conto literário tem se prestado a muitos objetivos, tanto dentro de uma sala de aula quanto fora. No primeiro caso, o conto tem sido utilizado como pano de fundo, a partir do qual se pode abordar assuntos variados, ideológicos ou linguísticos; ademais, tem servido também a contadores de histórias, como forma de diversão, reflexão e incentivo ao prazer da leitura. Já no segundo caso, a leitura de contos, por exemplo, tem sido só um passatempo agradável numa fila de banco ou numa sala de espera em uma clínica médica. De qualquer modo, não seria exagero afirmar que esse tipo de literatura tem agradado a quase todos os tipos de leitores. Isso porque, talvez, essa modalidade literária, tenha conseguido reunir em si as características que a tornam conhecida como “uma verdadeira máquina literária de criar interesse” (CORTÁZAR, 1999, p.122).

Discorrendo sobre as características do conto literário, Cortázar (1999), afirma que o critério da intensidade no conto é, no fundo, o critério da economia, de estrutura funcional. No conto, diz ele, vai ocorrer algo, e esse algo será intenso. Todo rodeio é desnecessário sempre que não seja um falso rodeio, ou seja, uma aparente digressão por meio da qual o contista nos agarra desde a primeira frase e nos predispõe para recebermos em cheio o impacto do acontecimento. Noutra obra, Cortázar comenta:

É preciso chegarmos a ter uma ideia viva do que é o conto, e isso é sempre difícil na medida em que as ideias tendem para o abstrato, para a desvitalização de seu conteúdo, enquanto que, por sua vez, a vida rejeita esse laço que a conceitualização lhe quer atirar para fixá-la e encerrá-la numa categoria. Mas se não tivermos a idéia viva do que é um conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência”. (CORTÁZAR, 2006, p. 150)

Os contos verdadeiramente grandes, aos quais esse autor faz menção, atraem o leitor a partir da densidade do conteúdo transmitida em poucas palavras e em um único acontecimento, pois eles são um recorte pequenino das experiências humanas do cotidiano.

Quanto ao que venha a ser um conto literário, a definição mais usual entre os estudiosos é a que o considera como toda narrativa que é contada, narrada por alguém, seja de forma oralizada ou escrita, pois a natureza do conto é a de simplesmente contar histórias.

Nesse sentido, Gotlib (1987) afirma que a estrutura textual do conto compõe-se de uma narrativa curta, densa, que pode apresentar características do conto de acontecimento (ou de efeito) ou do conto de atmosfera. No conto de atmosfera o cenário predomina sobre os personagens e sobre o enredo, enquanto o conto de efeito visa simular uma sensação no leitor, de terror, de pânico, de surpresa, como nas narrativas de Edgar Allan Poe. Personagens, ação, ambiente, tudo nele converge para o objetivo principal, que é despertar uma emoção em quem lê.

Também se vê no conto uma variedade de temas que são uma riqueza incalculável ao lado de outras vantagens como formato reduzido e enredos construídos em torno de poucas personagens. Além disso, os contos costumam ser densos e surpreendentes.

Sendo assim, para se promover em qualquer parte a formação de leitores literários, parece-nos oportuno ir ao conto como quem, permitindo-nos aqui dizer, vai a uma grande feira de artesanato onde se possa apreciar de tudo um pouco, e onde a criatividade de belos arranjos estilísticos se mostram a cada parágrafo. Inclusive, podemos assim conjecturar que cada conto parece ter se especializado em prender a atenção do leitor justamente pela expectativa que encerra ao prometer dar uma solução para o conflito da narrativa em tempo recorde, fazendo com que o leitor, ávido pela solução que imagina entrever, se lance à leitura com grande intensidade, porém, já com a quase certeza de que será inteiramente surpreendido pela genialidade do autor, de quem se sabe, guardará para o final um desfecho provavelmente insuspeito e impactante.

Ademais, mesmo que um escritor ou outro queira nos levar pelo caminho óbvio da *normalidade* tem-se muitas vezes, enquanto lemos, a impressão de que tudo não passa de um engodo preparado artisticamente por ele ou por seu narrador imediato com o fito de nos presentear ao final com alguma cena cortante ou alguma sentença estremecedora. Outro ponto em destaque é que das histórias lidas, mesmo as “fracas” do ponto de vista do enredo, ainda podemos colher expressões de boa retórica e construções verbais de excelente impacto literário.

De fato, podemos ter durante a leitura de um bom conto literário, a intuição de que, em alguns, existe até um não sei quê de mistério e força que parece encher todo o texto como se fosse de uma fumaça estonteante que entra por nossa boca e nariz fazendo-nos permanecer sem movimento ante o desenrolar da história, cuja trama bem montada pode nos levar ao extremo da satisfação ou nos dar a graça de conhecer ali um estilo inusitado e belo.

É assim, portanto, que um conto literário costuma se mostrar e é assim que ele, muitas vezes, consegue nos arrastar após si como se não tivéssemos e não quiséssemos ter nenhuma capacidade para reagir contrariamente a ele depois que lhe entregamos nossa vontade e nossa disposição em lê-lo.

Por isso, de acordo com nosso modo de ver, as características e as possibilidades do conto aqui descritas, dentre outras coisas, justificam bem a escolha que fizemos desse gênero de texto como sendo o ideal dentro do nosso objetivo de estimular o gosto pela leitura literária e de formar novos leitores.

A experiência de leitura literária no ensino fundamental

Tendo feito essas considerações, importa agora narrarmos os acontecimentos relativos à Experiência de Leitura Literária que realizamos na Escola Estadual Juscelino Kubitscheck, em Assu/RN, no ano de 2014.

Com base nas leituras do livro **Letramento literário: teoria e prática**, de Rildo Cosson (2006) e também da Dissertação **Cemitério, Formigas e Caçada**: leitura com suspense em Lygia Fagundes Telles, pertencente à professora Maria Fernandes de Andrade Praxedes (2010), entre outras, pudemos iniciar este trabalho de letramento literário desenvolvendo uma sequência didática básica capaz de suportar nosso plano de

ensino. Para isso precisamos ainda fazer adaptações do modelo encontrado na obra de Praxedes tendo em vista o contexto e os objetivos com que trabalharíamos em sala de aula. Em vários momentos, principalmente na parte relacionada com a motivação dos alunos, nos atrevemos a criar nosso próprio roteiro dando a ele o rumo que nos pareceu mais condizente. Porém, a estrutura escolhida, em nossa sequência básica, seguiu as mesmas sugestões de Cosson (p.51), ou seja: a *motivação*, a *introdução*, a *leitura* e a *interpretação* acrescida também da metodologia adotada por Praxedes (2010), procurando inovar e adaptar no que fosse possível. No caso específico da referida pesquisadora, a intenção original de sua pesquisa foi trabalhar com o gênero conto de suspense abordando o ensino a partir da teoria da recepção, ao passo que nossa intenção era trabalhar com os alunos visando apenas despertar neles o interesse pela literatura e o gosto pela leitura, a partir do trabalho com o conto.

Vendo a necessidade de contarmos com alunos mais comprometidos, decidimos, seguindo o modelo de Praxedes (2010), criar um processo seletivo específico no qual somente os 20 primeiros alunos que se inscrevessem participariam daquela experiência de leitura. Desta maneira, supúnhamos, os outros ficariam curiosos e dispostos a se envolverem melhor em outra oportunidade. Portanto, inspirados nessa metodologia, realizamos inscrições visando selecionar alunos do ensino fundamental que fossem mais interessados em leitura literária.

Durante as inscrições, cada aluno assinou um termo de compromisso assumindo o dever de comparecer na data combinada com a disposição de colaborar com todas as atividades provenientes da experiência de leitura e consciente de que não seria beneficiado com nenhum tipo de nota ou pontuação extra. Deste modo, após dois dias de anúncio na sala do 9º ano B e nas outras turmas vizinhas (8º ano A e 9º Ano A), foram preenchidas todas as vagas. Então, ficou definido que nossa Experiência de Leitura (doravante EL) estaria agendada para o dia 11 de novembro de 2014, no horário das 7h às 11h00, na sala de leitura da escola.

Feitas as inscrições, restava-nos agora planejar e preparar cada instante a ser vivido de modo a repercutir favoravelmente entre os alunos instigando-os a se voltarem mais para a leitura e, com isso, suscitar naqueles que não iriam participar da EL algum interesse sobre o tema.

O ambiente para a leitura: a organização

Para corresponder a essa parte das atividades previstas, planejamos várias situações motivadoras tendo em vista a leitura que faríamos do conto literário escolhido previamente por nós. O conto ao qual estamos a nos referir se chama “O homem nu”, de Fernando Sabino, publicado por ele em 1960, editora do autor, em um livro homônimo desse escritor mineiro, falecido em outubro de 2004. O mesmo texto aparece também no terceiro volume da série “Para Gostar de Ler”, da editora Ática, 1978. É um dos melhores contos da carreira de Sabino. Tal escolha se pode justificar plenamente em razão das qualidades literárias do texto, da veia humorística do autor presente na narrativa e da faixa etária dos alunos, isto é: narrativa curta, leitura rápida, com linguagem acessível aos alunos, texto bem-humorado, temática urbana, situação provável do cotidiano de muitos... história famosa, consagrada, inclusive inspiradora de outras narrativas, como o filme homônimo lançado em 1997, etc.

Nesse conto (por vezes tido como crônica), o narrador apresenta de forma bem original, uma situação muito engraçada e bastante singular. Narra ele que um homem, morador em um prédio de apartamentos, tinha que pagar uma prestação vencida de sua televisão. Não tendo conseguido o dinheiro para tal, ao acordar, logo cedo, recomendou à Maria, sua esposa, que não abrisse a porta para ninguém durante aquele dia. Pediu também que, caso a campainha fosse tocada, ela, a esposa, deveria ficar em profundo silêncio, de maneira que o cobrador, vindo bater à porta, pensaria não haver ninguém em casa.

Após esse pequeno trato, feito ali mesmo no quarto de dormir, o homem, demorando-se um pouco, resolveu tomar um banho. Já despido e completamente nu, percebeu que sua esposa havia entrado debaixo do chuveiro antes dele. Então ele foi até a cozinha e decidiu preparar o café da manhã. Nesse instante notou que o padeiro, como era costume, havia deixado o pão em cima do parapeito, em frente à porta do apartamento. Sem imaginar qualquer problema, o homem se preparou para sair e pegar o embrulho de pão, antes, porém, olhou cautelosamente para os dois lados do corredor a fim de certificar-se de que não havia pessoa alguma a espia-lo àquela hora; deu dois longos passos e agarrou o pão. Nesse ínterim, a porta do apartamento fechou-se

bruscamente por traz dele deixando-o trancado por fora, sozinho e nu no corredor. A partir daí o homem passou por diversas situações de aperto: depois de gritar pela esposa que se faz de surda, ele se escondeu no elevador, assustou-se muito com uma empregada que subiu pelas escadarias, tentou paralisar o elevador várias vezes tentando não ser visto por quem o acionava no térreo. Por fim, indo gritar pela esposa mais uma vez, acabou sendo descoberto por sua vizinha. Ela o confundiu com o padeiro, chamou-o de tarado e ameaçou chamar a polícia. Com a confusão, a esposa dele abriu a porta e foi quando, enfim, ele conseguiu entrar de volta em casa. Passado algum tempo, a campainha de seu apartamento tocou. Achando que era a polícia que havia sido chamada, o homem, já vestido, abriu a porta devagar e se surpreendeu vendo ali o cobrador da televisão a encará-lo de forma bem simples.

Lendo e relendo esse texto, percebemos que ele seria ideal para a leitura com o grupo de alunos durante nossa EL, já que é uma narrativa breve e cativante.

Faltando um dia para realizarmos a experiência, fomos à sala de leitura para adequá-la ao contexto do que iríamos vivenciar ali no dia seguinte. Encontramos a sala com as paredes cheias de figuras diversas. Na verdade, esse espaço já vinha sendo palco de vários projetos com outros professores da escola. Cada professor a utiliza em seus horários colocando nas paredes algumas imagens e textos relativos a seus temas. Por esses motivos as paredes estavam apinhadas de muitas figuras e desenhos. Desta forma, fomos obrigados a escolher uma pequena parte da parede que ainda não havia sido utilizada.

Outro problema encontrado foi o número excessivo de mesas e cadeiras no local impedindo-nos de organizarmos melhor o ambiente. Tivemos que otimizar o espaço adequando-o às intenções de nossa intervenção. Superando isso, dispusemos as cadeiras em círculo para criar um clima mais favorável. Em toda essa tarefa contamos com a ajuda de uma professora readaptada que estava atuando na biblioteca da escola naqueles dias. Finalmente, pudemos colocar nossos cartazes e contemplarmos, por um instante, os aspectos visuais daquela atividade em fase inicial. Deixamos trancada a porta, colocamos um aviso por fora referente ao trabalho do dia seguinte, devolvemos a chave na biblioteca e saímos.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Cartazes na parede: cada figura sinaliza algo relacionado ao conto



Fonte: acervo do autor

Os alunos colaboradores

No dia marcado, depois de dar as boas-vindas aos alunos, mostramos os cartazes que havíamos colado na parede, enquanto certa música interessante ia tocando. Em seguida, de acordo com o modelo metodológico citado, apresentamos aos alunos colaboradores (AC) um questionário com 14 perguntas deixando-os à vontade quanto à obrigatoriedade em respondê-lo. O resultado apontaria as realidades, interesses em leitura, programas de TV e etc. de cada um deles. Ao final, cada colaborador foi identificado pelo número que consta no formulário preenchido nessa e em outras atividades. Dos 20 que estavam presentes, apenas 3 se recusaram a responder a esta solicitação.

Aquecendo para a leitura: intensificando a motivação

A motivação, segundo Cosson (2006), consiste em uma atividade de preparação e de introdução dos alunos no universo do livro a ser lido.

Crianças, adolescentes e adultos embarcam com mais entusiasmo nas propostas de motivação e, conseqüentemente, na leitura quando há uma moldura, uma situação que lhes permite interagir de modo criativo com as palavras. (p. 77)

Havíamos nos dirigido ao local com certa ansiedade. Instalamos o computador, o projetor multimídia, as caixas de som e escolhemos uma música que trata de uma situação engraçada em que um certo gato negro corre e se esconde de seus perseguidores sob o risco de ter sua pele arrancada e transformada em tamborim. A referida música é uma composição de Getúlio Cortes, interpretada por Roberto Carlos, chama-se *Negro Gato*³, lançada em 1966. Nós a escolhemos premeditadamente porque existe nessa canção um paralelo entre o conto de Fernando Sabino, no qual o homem nu vive situações bastante cômicas, e situações vividas pelo *negro gato*. Em ambos os casos os personagens precisam correr e se esconder para evitar o pior. Essa música é um verdadeiro conto literário, tem um ritmo animado e é entrecortada por gritos que sinalizam a aventura e a emoção vividas pelo gato. Em alguns trechos o personagem gato diz: “um dia lá no morro/ pobre de mim/ queriam minha pele para tamborim/ apavorado desapareci no mato/ eu sou um negro gato”. Noutro trecho, canta: “sete vidas tenho para viver/ sete chances tenho para vencer/ mas se não comer acabo num buraco/ eu sou um negro gato”.

Essa canção ressoou na sala por quase dez minutos. Os alunos, curiosos, queriam logo saber sobre ela. Aproveitamos para dizer que a história que iríamos ler tinha algo relacionado com essa música e com as imagens dos cartazes na parede. Nossa intenção aqui era gerar expectativa e criar um clima favorável para a leitura que viria depois.

Finalizando a música, propusemos que os alunos-colaboradores dessem um nome relacionado às imagens que estavam nos cartazes do mural. Uma certa timidez tomou conta da turma, mesmo assim alguns disseram que um bom nome seria o seguinte:

³ Letra disponível em:< <http://letras.mus.br/roberto-carlos/discografia/>>

AC6 – notícias antigas.

AC1 – bloco de notas.

AC9 – anos 60/70.

AC17 – no tempo do preto e branco.

AC14 – antepassado.

AC16 – a época da rádio-patrolha.

Dando sequência à motivação, fizemos um comentário breve sobre o valor social da moradia, já que o conto a ser lido se desenvolve no âmbito de um prédio de grande altura. Abordamos também aspectos sobre a qualidade de vida nas grandes e pequenas cidades. Depois mostramos à turma algumas folhas de jornal com anúncios recentes sobre apartamentos à venda ou locação e solicitamos que escrevessem sobre as possíveis vantagens e desvantagens de se morar em edifícios com 15 ou 20 andares

Algumas das respostas colhidas para essa atividade foram as seguintes:

AC1 – as vantagens não tem porque você precisa fazer algo não pode. Não moro porque não tem quintal, mas a ventilação é melhor, a privacidade a segurança.

AC2 – com 20 andares poderia ser frio, mas a vizinhança poderia ser uma droga, si não tivesse elevador teria que descer pelas escadas, não poderia criar animais domésticos, não poderia fazer festas com muito barulho.

AC3 – a vantagem é que se você fizer um quarto alto você vai ver a paisagem melhor. A desvantagem é que você não pode ter cachorro, não pode ligar som, não pode fazer obras.

AC4 – a vantagem é que morar em um apartamento deve ser muito bom, dá pra ver tudo lá de cima e nem tem risco de ladrão robar pelas janelas ou coisa do tipo. A desvantagem é que é muito caro alugar um apartamento e é melhor ter sua casa própria do que morar de aluguel, pode ter incêndios no seu colega do lado e aí nem tem como fugir por qualquer lado.

AC8 – viver em um apartamento tem algumas vantagens como as áreas de lazer, esportes e salão de festas e parque das crianças e as desvantagens as taxas de dinheiro.

AC18 – o prédio pode desabar, o elevador pode dar o prego com pessoas dentro [...] muito edifício desabando, pessoas caindo lá de cima etc.

As outras respostas seguem essas ideias de forma quase idêntica. Notamos que os colaboradores demonstraram boa vontade em responder e, com isso, contribuíram para revelar um pouco mais sobre a noção de mundo e cultura que possuem.

Prosseguindo com a motivação, mostramos um vídeo curto, intitulado “O Conto se apresenta”⁴ com a intenção de que os alunos pudessem *medir* a extensão e a beleza desse gênero literário a partir das palavras contidas no vídeo. Esse foi um dos momentos mais emocionantes daquele dia: a tela em projeção, a luz apagada, a turma toda em silêncio, o som musical por trás da imagem parecia vir de dentro da parede, as palavras iam surgindo na tela uma a uma carregadas de sentimento e poesia. Uma a uma íamos lendo cada frase; era o personagem Conto se mostrando, se apresentando, encantando cada um de nós. Quando acabou, todos aplaudiram. Fiquei muito satisfeito e convidei o grupo para vermos novamente o vídeo acompanhando e lendo cada palavra. Foi um momento marcante!

Na continuidade deste momento preparatório, resolvemos projetar na parede cenas que eram vistas em 1987 quando se via na TV Globo a abertura da novela *Brega & Chique*⁵. A música, tema da referida novela, chama-se *Pelado*, era ouvida e cantada diariamente.

Escolhemos mostrar esse vídeo da novela por ser um tanto engraçado e poder despertar facilmente a curiosidade de todos em face do visual e da letra irreverentes. O objetivo nosso aqui foi tão-somente fazer um momento mais lúdico e cativante sem fugir do programado.

Na telinha, em 1987, sucediam-se as cenas da abertura oficial no horário das 19 horas. As imagens e a letra incomodavam pela ousadia recebendo críticas e olhares

⁴ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ibs74H0TK64> > Acesso 20 fev. 2015.

⁵ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=9g2IVU-R6X0> > Acesso 15 fev. 2015.

curiosos de muita gente daquela época. A canção contribuiu bastante para o sucesso da novela. A autoria musical é do vocalista Roger, da banda gaúcha Ultraje a Rigor⁶.

Apresentamos a letra dessa música na tela aos alunos enquanto projetávamos o vídeo na parede. Vi que eles mostraram interesse em cantar acompanhando as imagens e o som que assistiam. Em um dos trechos o vocalista diz:

Que legal nós dois pelados aqui/ Que nem me conheceram o dia que eu nasci/ Que nem no banho, por baixo da etiqueta/ É sempre tudo igual, o curioso e a xereta/ Que gostoso, sem frescura, sem disfarce, sem fantasia/ Que nem seu pai, sua mãe, seu avô, sua tia.

Indecente é você ter que ficar despido de cultura/ Daí não tem jeito quando a coisa fica dura/ Sem roupa, sem saúde, sem casa, tudo é tão imoral/ A barriga pelada é que é a vergonha nacional/ Pelado, pelado, nu com a mão no bolso/ Pelado, pelado, nu com a mão no bolso/Pelado, pelado, nu com a mão no bolso.

Além do ritmo contagiante, das imagens sugestivas e do som, o que também nos chamou a atenção foi quando o vocalista cantou que “indecente é você ter que ficar despido de cultura”, parecendo querer nos dizer que não é só de roupas caras que se vive. Estar pelado com a mão no bolso poderia significar estar livre de algumas amarras sociais relativas ao uso de roupas dessa ou daquela marca sem que haja para isso uma justificativa convincente.

Observamos que a reação do grupo foi de total agrado, pois o tema e o ritmo da música, aliados ao vídeo que ia sendo apresentado contribuía muito para prender a atenção deles.

Após esse bom momento, e já pensando em comparar dois textos com propostas afins, expusemos para alunos um áudio com a crônica “Cobrança”, de Moacyr Scliar⁷. Enquanto eles ouviam os atores interpretando a cena, iam lendo na tela o texto correspondente. Essa é uma crônica bastante engraçada em que um certo marido se vê na obrigação de cobrar a própria esposa inadimplente. Ele trabalha numa empresa de cobrança e tem a obrigação de exigir que a esposa-cliente pague as prestações de uma geladeira adquirida em certa loja. Vemos nesse relato uma semelhança com o conto de

⁶ Letra disponível em < <http://www.vagalume.com.br/ultraje-a-rigor/pelado.html> > Acesso 28 mar. 2015.

⁷ Disponível em: < O imaginário cotidiano. São Paulo: Global, 2001.© by herdeiros de Moacyr Scliar.

Fernando Sabino, principalmente quanto ao aspecto humorístico da história envolvendo também a compra de um objeto doméstico, a necessidade de dar explicações a um credor e a relação marido/mulher.

Por fim, antes de passarmos para a leitura do texto de Fernando Sabino, resolvemos ainda apresentar ao grupo um *trailer*⁸ do filme *o homem um* lançado no Brasil em 1997, dirigido por Hugo Carvana. Houve uma euforia enorme dos alunos ao verem pequenos *flashes* do filme em que o ator Claudio Marzo, que interpreta o personagem principal, corre pelas ruas do Rio de Janeiro, feito um louco, *nuzinho*, montado numa bicicleta, em disparada, e fugindo da polícia.

Introdução à leitura: levantando hipóteses

Terminada a fase de motivação, fizemos um pequeno intervalo e voltamos a seguir com a introdução, a qual consiste, segundo Cosson (2006, p. 80), numa simples e breve apresentação do autor e da obra em caso de texto canônico. Sendo assim, mantivemos também essa sequência, com algumas adaptações, conforme estava prevista. Nesta etapa, Cosson sugere o primeiro contato com a obra, conhecendo-a, *a priori*, com base em informações do autor e da obra.

Retomando o assunto do *trailer* perguntamos oralmente aos alunos-colaboradores sobre o que eles imaginavam ser a leitura que estavam prestes a fazer e quem seria o autor. As respostas orais foram dadas com base apenas no vídeo assistido, não havendo quem tentasse prever / imaginar o que seria lido a seguir.

AC2- Eu acho que ele foi assaltado, levaram a roupa dele. O que tenho pa dizer é isso.

AC3- Eu acho que ele tirou a roupa e saiu andando na rua.

AC5- Eu acho que ele tava numa situação muito, sei lá, tentando fugir de alguma coisa.

AC7- Assim, neh...eu acho que ele não tinha condição de comprar roupa.

⁸ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=IG-BSONkEs> > Acesso 10 fev. 2015.

AC8- Eu acho que ele queria ser arrogante ao sair andando nu pela rua.

AC10- Eu acho que ele tava tendo um caso com uma mulher casada, aí o marido da mulher chegou, aí pra ele não apanhar ou morrer ele saiu correndo e a polícia foi atrás dele e foi a maior polêmica na cidade.

AC13- Eu acho que ele é um idiota, um arrogante que sai nu. Ele tem um problema mental, um desvio ou uma coisa assim.

AC16- Eu acho que ele é maluco;

AC18- Eu acho que ele foi atraído da mulher que ele ama.

A julgar pelas respostas, podemos afirmar que nenhum dos alunos parecia saber previamente qualquer coisa a respeito desse filme e tampouco acerca de Fernando Sabino e sua obra. Quando falamos o nome do autor e do conto que iríamos ler ninguém se atreveu a dizer qualquer coisa.

Antes da leitura completa do conto, seguida dos comentários e da interpretação por parte dos alunos envolvendo os detalhes da obra, era preciso mostrar com mais detalhes um pouco da vida e da obra desse escritor. Para isso, estendemos no chão da sala de leitura algumas imagens impressas em papel comum que mostravam o rosto do escritor. Com isso tentávamos despertar nos alunos um interesse maior pela produção literária dele.

No tocante a detalhes curiosos que se referiam ao conto a ser lido, notamos que os alunos não quiseram fazer suposições. No entanto, para não nos furtar ao dever, pedimos silêncio e comentamos brevemente sobre alguns momentos marcantes da biografia desse autor aludindo sobre características da vida e da obra sabiniense que mais afinidade teriam com a plateia jovem ali reunida. Destacamos alguns pontos da trajetória literária do escritor que, no nosso entendimento, serviriam de estímulo ao grupo.

Leitura de “O homem nu”

Enfim, havia chegado o momento tão esperado. Sentados, orientamos que os alunos fizessem um círculo com as cadeiras e se preparassem para a leitura. Seguindo agora a sugestão de Praxedes (2010), distribuímos para cada um deles uma folha impressa (frente e verso) contendo nela o conto “O homem nu”, de Fernando Sabino.

Em silêncio, pedimos que acompanhassem atentamente toda a leitura. Olhamos ao redor na intenção de colher alguma expressão ou gesto mais indicativo do interesse deles. Vimos que a expressão no rosto de cada um era de curiosidade. No entanto, para evitar que a compreensão da leitura fosse, talvez, perturbada com uma sequência de entonações em desarmonia com as cenas, resolvemos, nós mesmos, fazer a leitura do conto, em voz alta, procurando unir cada palavra e expressão a algum gesto que exprimisse melhor o momento.

Durante a leitura, tentamos reproduzir com a voz e com o corpo os prováveis sentimentos e gestos vividos pelos personagens. Nesse sentido, aumentamos e diminuimos a voz, gesticulamos e retorcemo-nos na cadeira, conforme as cenas se desenrolavam tentando transmitir mais realismo à narração dos fatos até o final. Chegamos, então, à última cena em que o homem nu é descoberto por uma vizinha idosa e barulhenta. “A velha, estarecida, atirou os braços para cima, soltou um grito: — Valha-me Deus! O padeiro está nu”! e correu para chamar a polícia. “— Tem um homem pelado aqui na porta!” Outros vizinhos dizem: “— É um tarado! Olha, que horror!. — Não olha não! Já pra dentro, minha filha!” Nesse ponto, Interrompemos momentaneamente a leitura e avisamos que a esposa do acusado iria entrar em cena e que seria preciso que os alunos criassem um outro final para a história englobando, de forma coerente, o que tinha sido lido do conto até ali.

Um outro final para a história

A partir desse instante cada aluno colaborador deveria escrever um final diferente e coerente para essa história levando em conta o contexto e tudo o que vinha sendo mostrado na narrativa. Nossa intenção era verificar como os alunos iriam dar continuidade à narrativa. O resultado dessa iniciativa vem a seguir e foi transcrito na linguagem e grafia dos alunos:

AC15 – O Homem saiu correndo com a situação e então ele sai do prédio. Ao correr pelas ruas do bairro alguma pessoas assustavam-se dizendo – meu Deus !! Chamem a polícia! Mas no meio da rua ele se encontrou com o cobrador.

– Mas meu senhor, o que é isso? Por que está assim? Disse o cobrador. – Eu não posso falar agora! Exclamou o homem. A polícia já estava muito próxima dele e então ele se escondeu em uma moita mas não adiantou a polícia o encontra e ele explica o ocorrido e então ele vai preso e é obrigado a pagar o que deve e toda a cidade fica sabendo da causa e até vira motivo de chacota.

AC4 – Então sua esposa abre a porta e diz:

- O que está acontecendo aqui? Porque você está nu? – Diz a mulher com raiva. Ele diz: – eu fui lá fora para pegar o pão e a porta acabou batendo e te chamei e você não respondeu. Ela diz: – Eu estava no banho e achei que fosse o cobrador. Venha para dentro vestir uma roupa.

AC1 – A mulher dele abre a porta antes que a polícia chegue mas a confusão não acaba a polícia leva o homem nu para a viatura ele consegue fugir, se esconder até voltar pra casa.

AC2 – Ele pediu uma roupa a senhora e a mesma o deu. A mulher deu uma roupa do seu falecido marido.

AC5 – Como estava silêncio no apartamento que a esposa do homem nu estava ela escutou os vizinho falando do lado de fora e foi ver o que estava acontecendo e viu seu marido pelado. Ela colocou o marido para dentro e seu marido explicou tudo para ela e ela contou para os vizinhos e se desculpou.

Estas respostas confirmam que os alunos prestaram muita atenção ao texto, pois foram capazes de recompor as cenas para justificar as falas que souberam atribuir aos personagens.

Vejamos outras respostas:

AC6 – A mulher abriu a porta e olhou para a velha que ligava para a polícia da radiopatrulha pedindo que desligasse o telefonema. Enquanto ela pedia o marido emburacou rapidamente dentro de casa. A senhora se acalmou e deixou pra lá aquela história mas que nunca se esqueceria daquela cena do corredor.

AC7- Mulher liga para a polícia e a polícia vem no pensamento de prender o homem, pois todos pensavam que ele era louco ou psicopata. Mais para não ser preso ele sai correndo pela rua e atrai mais maus olhares das pessoas e ele acaba fazendo muito suspense entre as pessoas e também causando pânico, pois ninguém sabia que ele era apenas um homem comum sem nem um pensamento mau e com tudo isso a mulher dele descobre que quem batia a porta na verdade era seu marido e não o cobrador. Então ele volta pra casa depois de muito sofrimento, com o dinheiro do cobrador e consegue pagalo depois de ter passado toda essa vergonha.

AC8 – A mulher abre a porta e fica surpresa ao ver o marido nu e diz: “eu pensei que fosse o homem da cobrança, já para dentro.

AC3 – Então a mulher dele abriu a porta e disse: -- o que você está fazendo aí? Perguntou a mulher. -- Eu ia pegar os pães e a porta bateu. Respondeu o homem. -- Entre para dentro – disse a mulher.

A forma como os alunos tentam recriar o final da história demonstra um desejo de continuar com as cenas engraçadas, pois em cada situação descrita nota-se uma ponta de riso em que a esposa assume, via de regra, no texto deles, um comportamento bastante autoritário, ao passo que o homem nu se comporta quase como se fosse um cachorrinho molhado de chuva que entra desconfiado pela porta de casa. Nesse contexto, agora introduzido pelos próprios alunos, o homem aparece em condição menor, inferiorizado, o que contraria a norma culturalmente vigente, e isto é também um elemento de humor. Ou seja, os alunos, com os seus textos, confirmam gostar de narrativas de humor.

Vejamos outras cenas criadas por esses meninos e meninas para o final da história:

AC10 – Depois que as pessoas do prédio viram ele pelado ele saiu correndo pelo prédio procurando onde se esconder, e deixou o prédio de elevador e depois saiu correndo no meio das pessoas segurando o embrulho de pão, e se escondeu por vários lugares, correndo, pulando muros, entrando em lugares para se esconder, e várias pessoas viram ele pela cidade correndo pelado e algumas pessoas gravarão, e outras ligaram para a radiopatrulha. Até que ele conseguiu chegar em casa e sua mulher não abriu a porta e ele ficou se escondendo por todo o prédio até a hora em que sua mulher ia sair de casa para-lhe procurar e

ele saiu de onde estava escondido e chamou ela dando um grito muito alto, falando – Maria eu estou aqui.

AC11- E então quando os vizinhos saíram, a rádio patrulha chegou o Homem se apressou e se atirou-se do prédio de 15 andar.

AC12- Ao perceber que o homem que estava ali era seu marido, ela logo agiu. O Homem saiu correndo pela cidade tentando se esconder sob perseguição de polícia e dos moradores do prédio e repórter. Ela foi imediatamente ao elevador descendo atrás do marido sem chamar qualquer suspeito ela se encontra como marido em um lugar escondido da população entregando a ele as suas roupas ele imediatamente se vestiu.

AC13- O homem saiu correndo pelo corredor do setor pegou o elevador subiu até o terraço ficou até meia noite ele voltou para o apartamento chamou a mulher e ela abriu a porta e ele entrou para dentro.

Chamou-nos a atenção a facilidade com que os alunos criaram novas cenas para “fechar” o conto sem fugir muito do combinado e sem perder a natureza humorística da história. Deste modo, pensamos, cumpriu-se neles as palavras de Cascudo (1967, p.14) quando afirma que “ao lado da literatura e do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas, da memória e da imaginação popular” que, em nossa opinião, podem dar cores novas e movimentos inesperados aos personagens da ficção.

Concluída essa parte, nos sentamos novamente em círculo para lermos outra vez a história, sendo que agora a narrativa estava completa, impressa em uma nova folha e entregue a eles. A reação dos alunos, ao final, foi de alegria e satisfação vendo que o cobrador chegava para receber o dinheiro sem fazer a menor ideia de todo aquele rebuliço que havia acontecido momentos antes de sua chegada ao prédio.

Alguns alunos vieram até nós para elogiar o texto e perguntar quando iríamos fazer essa EL novamente. Respondemos que ainda no mês seguinte faríamos outro momento como aquele envolvendo outros alunos. Isso, de fato, aconteceu em dezembro/2014.

Análises, comentários e interpretações

Para Jouve (2002, p.14), “analisar a leitura significa se interrogar sobre o modo de ler um texto, ou sobre o que nele se lê (ou se pode ler)”. Assim, a leitura exige um jogo de respostas. Para cada pessoa que lê, existe uma possibilidade de compreensão variável e, algumas vezes até podem surgir contradições.

Segundo Cosson (2006, p. 64), [...] “a interpretação parte do entretecimento dos enunciados que constituem as inferências para chegar à construção do sentido do texto dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade”.

Cosson salienta que o importante na interpretação é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e internalizá-la de forma explícita, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar.

Nesse contexto, se pode inferir que a narrativa de Fernando Sabino tenha servido para mostrar algumas especificidades da escrita literária, estilo composicional e méritos do narrador, presentes em um conto literário como esse, englobando, talvez, um aprendizado sobre a vida, o gosto pelo humor, o domínio da linguagem, algumas experiências que remetem ao passado (anos 60), criatividade, cultura geral, ampliação vocabular e outras vantagens advindas de uma leitura literária desse nível.

Quanto à interpretação do conto, os alunos se mostraram bastante alinhados com o transcorrer da narrativa, mostrando-se capazes de criar uma continuidade para a história e de compreender o alcance de cada cena dentro do conjunto de cenas em que se inseriram os personagens.

Nesse contexto, para conhecermos a análise que os alunos-colaboradores fizeram da narrativa, propusemos que, após a leitura de “O homem nu”, eles respondessem algumas perguntas, entre elas, as seguintes:

O que você achou da história, gostou? Por quê? Quais são suas impressões sobre o que acabou de ler? Vejamos as respostas:

AC1- gostei pois o Homem nu passou a maior vergonha do mundo.

AC2- mais ou menos, é uma história vergonhosa para o protagonista.

AC3- gostei, porque o texto é engraçado e muito divertido.

AC5- Gostei, pois achei bem elaborado e engraçado.

AC6- Sim, que não devemos abrir a porta nú. achei legal fez eu ri um pouco.

AC7- Achei legal, divertida, dramática, achei muito legal, pronto só isso

AC8- Sim, per quê é interessante, não sei.

AC9- gostei. Porque e muito divertida bemorada e também muito constagedor.achei legal,

AC10- Eu achei uma história bem legal, e divertida de um homem que sai correndo nu pelo prédio que mora.

AC11- Sim, por que é tipo uma comedia, achei muito boa porque **padeiro** era muito atrapalhado (grifo nosso).

AC12- Gostei, Por que é muito interativa Ao mesmo Tempo uma comedia engraçada.

AC13- foi uma boa impressão gostei muito de ler esses texto.

AC14- Sin, porque é divertido, legal e ingraçado, o que eu acabei de ler Foi bom enventalo.

AC15- Sim. Porque é uma comedia que retrata o cotidiano e um tipo de protesto.

AC16- gostei porque é muito divertido, o marido é também muito

AC20- Sim eu achei bom, pois e uma historia muito engraçada, divertida, etc.

As respostas confirmaram nossa suposição de que a leitura desse conto seria bem aceita. Em seus depoimentos, eles utilizaram bastante o verbo gostar e o adjetivo “divertido” para classificar o contato que tiveram com o texto lido.

Quanto à pergunta que fizemos para verificar a (des)semelhança entre o conto de Fernando Sabino e a crônica ‘Cobrança’ de Moacyr Scliar, os alunos-colaboradores responderam assim:

AC1- o cobrador se parece com o homem porque fala do lado de fora.

AC2- não percebi munta semelhança.

AC4- Sim na hora ela fala que ta sem dinheiro para pagar.

AC5- as duas histórias contam sobre cobranças.

AC6- Não percebi nada. Anuncer que nas histórias tinha um casal e eles deviam também.

AC7- A semelhança é que os dois tem 1 cobrador.

AC8- estão falando do mesmo assunto cobrança de dinheiro.

AC9- A semelhança é que os dois tem um cobrador na historia.

AC10- Sim. os dois textos tinham cobradores, e pessoas que não tinham dinheiro para pagar.

AC11- Sim, por que os dois eram de cobranças.

AC12- Ao termo cobra.

AC13- A semelhança.

AC14- Há uma que os dois homens fica trancado do lado de fora.

AC15- Sim. Ambas são situações curiosas sobre cobrança.

AC16- gostei porque é muito divertido, o marido é também muito

AC20- Sim a muita semelhança, pois em todas as crônicas eles devem, e ambos os devedores não tem dinheiro pra pagar.

Estes depoimentos nos dão uma ideia de quanto os alunos conseguiram notar de (des) semelhança entre as duas narrativas, revelando, mais uma vez, o esforço que conseguiram fazer para entender bem o conteúdo de ambos os textos e poder comparar as duas situações vividas.

Em sua obra sobre letramento literário, e discorrendo sobre a identidade leitora, Cosson (2006) afirma que ser leitor na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É, também, posicionar-se diante da obra literária, identificá-la, questioná-la e expandir os sentidos. Esse aprendizado crítico, afirma Cosson, não se faz sem um encontro pessoal com o texto enquanto experiência estética; é exatamente isso que ele tem denominado em todo seu livro de **letramento literário**.

A partir dessa experiência de leitura é possível perceber quantas outras possibilidades existem disponíveis para quem deseja trabalhar com esse tipo de atividade.

Discutindo as práticas desenvolvidas e os resultados obtidos

Antes de qualquer julgamento sobre o valor dos resultados obtidos, podemos afirmar que o sucesso em atividades como essa depende sempre de uma boa adesão por parte dos estudantes cujas histórias de vida, experiências familiares, objetivos e costumes locais, têm peso decisivo nas atitudes que possuem de aceitação ou recusa de uma proposta de leitura desse quilate. A esse respeito podemos afirmar também que há uma herança cultural contribuindo consideravelmente para a moldagem dos costumes que estão na origem de muitas recusas de leitura e isso explicaria em grande parte o fracasso de vários professores que tentam formar leitores e não conseguem.

Em nosso caso, conseguir os 20 alunos interessados em participar de nossa EL não foi difícil, já que percorremos três salas de aula diferentes fazendo o convite. No entanto, vários outros alunos tinham sido chamados inicialmente e se recusaram alegando preguiça ou falta de vontade. Mesmo entre os que compareceram, alguns, em certos momentos, pareciam mais inclinados a fazer gracejos e a se divertir, simplesmente.

Tivemos também muita dificuldade em obter o silêncio dos estudantes na hora de apresentar a biografia de Fernando Sabino, o que parece nos indicar que eles não estão interessados em saber de onde vêm os textos literários e nem que os produz. As repostas, porém, dadas por eles àquilo que solicitamos por escrito, indicam certa boa vontade em colaborar com o professor nas tarefas em torno da experiência de leitura. Isso confirma que, de certa forma, eles queriam estar envolvidos com tudo aquilo e fazer a parte do processo. São, talvez, contradições próprias da idade.

Os alunos que aderiram à nossa proposta, mostrando-se interessados em ler e descobrir mais sobre o texto em mãos. Fizeram um esforço e conseguiram se situar no contexto do conto sem perder o essencial. Foram bastante felizes em contribuir para tornar aquela experiência de leitura mais proveitosa para eles e para nós. Certamente,

boa parte deles se deixou influenciar algumas vezes pelo que leram e acompanharam durante a leitura.

Outro fato que chama a atenção é que os alunos agora demonstram mais curiosidade diante de um livro e que, costumeiramente, somos abordados por alguns deles no sentido de opinar sobre a qualidade de algum texto literário que estão lendo, enquanto passeiam pelos corredores da escola. São rapazes e moças que parecem ter aceitado a ideia de que a leitura lhes fará bem e que precisam dela para serem melhores estudantes e aprendizes.

Desejávamos *medir* o grau de avanço desses alunos no gosto pela leitura, no entanto isso não é possível. Mas os efeitos das ações empreendidas por nós visando ao letramento literário deles se faz sentir no presente e poderão ser melhor conhecidos no futuro. Confiamos que a experiência de leitura vivenciada, aliada a outras experiências futuras, farão com que se lembrem de continuar ou voltem continuamente aos livros e possam desejar, de forma livre, trilhar o caminho de uma vida leitora mais consistente. Temos por certo que uma boa semente foi lançada no solo desses corações juvenis e que poderá resultar em maior proveito para eles.

Considerações finais

Em um contexto geral, o incentivo à leitura é uma necessidade. Entretanto, podemos notar a grande diferença entre quem valoriza realmente a leitura e quem apenas faz propaganda de livros com intenção comercial. Isto porque não basta só falar de literatura e desejar que as pessoas leiam, é preciso desenvolver métodos de ensino em que o hábito de ler seja visto como atividade substancial e própria para conduzir pessoas a um patamar de saberes mais elevado.

Considerando a importância da leitura literária no processo de formação de estudantes visando níveis mais elevados de competência linguística, podemos afirmar que nossa experiência de leitura se situou na direção certa rumo a esse objetivo.

Comprendemos, entretanto, que não é tão simples motivar adolescentes para a leitura literária, principalmente porque eles costumam pensar que irão ler textos longos e fastidiosos relacionados somente ao mundo dos adultos. Além disso, o grau de

dificuldade que eles têm na hora de decifrar as palavras e compreender o que estão lendo, compromete a qualidade de suas leituras e desanima o professor menos corajoso. Não obstante, os resultados apontaram que existe uma boa recepção para quem se interessa por ensinar leitura e literatura, contanto que isso seja feito de uma forma muito cuidadosa, planejada e centrada na paciência e até no bom humor

O contexto escolar em que se deu nossa experiência, bem como as características do alunado envolvido nos serviram de experiência concreta bastante proveitosa, embora nem sempre confortável, no processo de amadurecimento de nossa prática docente.

Houve também uma evolução em nossa prática de ensino amparada na experiência diária da sala de aula, o que gerou em nós certo amadurecimento. Por isso cremos também, por fim, que esse desenvolvimento docente justifique os objetivos de quem pensou e desenvolveu o Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Essa atividade nos mostrou quanto é importante possuir um método de ensino de leitura literária que seja viável, adequado e eficiente. Mesmo assim, isso ainda parece pouco se não houver uma grande empatia por parte dos alunos para com o professor e para com os conteúdos da aula. Além disso, é evidente que cada educador precisa ser um modelo fiel daquilo que ensina sob pena de parecer falso tudo o quanto queira ensinar referente à leitura.

Por fim, nos permitimos dizer que em nossa trajetória de aluno do ensino fundamental, não tivemos a sorte de encontrar nenhum professor apaixonado por leitura, e se hoje gostamos de ler é por causa de um sacerdote amigo que tanto lia e tinha livros em casa. Foi vendo seus gestos de leitor interessado, suas palavras bem pronunciadas e seguindo seu bom exemplo, que nos interessamos por livros.

Referências

CARLOS, Roberto. **Negro gato**. Pra Sempre: década de 60. CD nº05 - Sony/BMG (2004). Letra disponível em: < <http://letras.mus.br/roberto-carlos/discografia/> > Acesso fev. 2015.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CORTÁZAR, Júlio. **Obra crítica 2**. Organização de Jaime Alazraki. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto e do conto breve e seus arredores. In **Valise de cronópio**. Trad. Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1987.

INTERNET- **o conto se apresenta**. Disponível em: <
www.youtube.com/watch?v=ibs74H0TK64> Acesso ago. 2014.

JOUE, Vincent. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Unesp, 2002.

PANSA, Karine. Fazer do Brasil um país de leitores. In: **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2012.

PRAXEDES, Maria Fernandes de Andrade. **Cemitério, formigas e caçada**: leitura com suspense em Lygia Fagundes Telles. Dissertação na área de Linguagem e Ensino. Campina Grande, Universidade Federal de Campina Grande, 2010.

SABINO, Fernando Tavares. **O homem nu**. Editora do Autor, 1960

_____. In **Para gostar de ler**. São Paulo: Ática, 1979.

SCLIAR, Moacir. **O imaginário cotidiano**. São Paulo: Global, 2001. © by herdeiros de Moacyr Scliar.

ULTRAGE A RIGOR: Letra disponível em < <http://www.vagalume.com.br/ultraje-a-rigor/pelado.html> Acesso 28 mar. 2015